



3 MULHERES

PÓS-REVOLUÇÃO

Estreia 20 de abril

Quartas, 21h00

 **RTP1** **RTPPLAY** ▶

3 MULHERES

PÓS-REVOLUÇÃO

Uma ideia original de Fernando Vendrell e Elsa Garcia

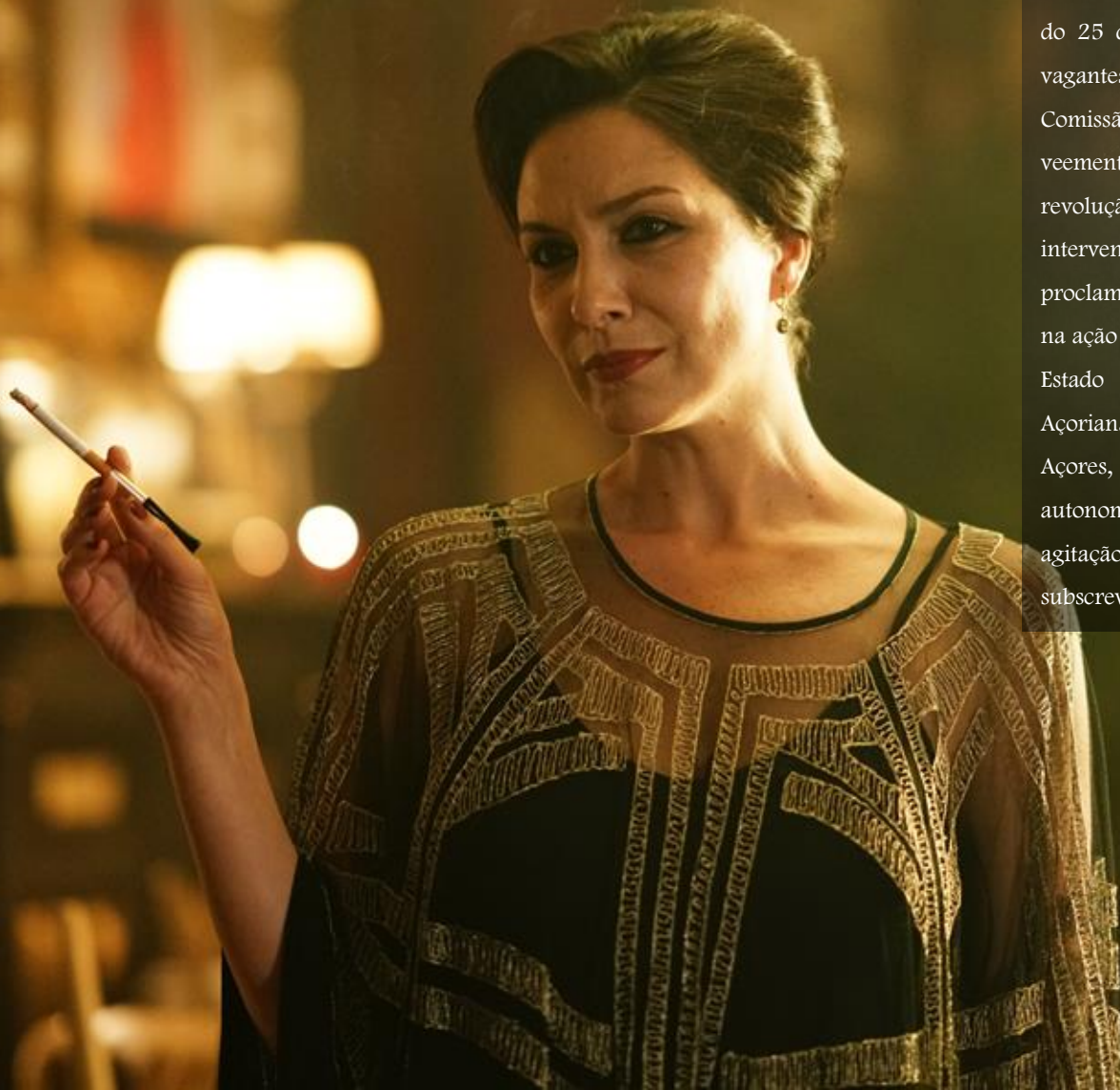
com argumento de Luís Alvarães, Filipa Martins, João Matos e Diogo Figueira

“3 Mulheres – Pós-Revolução” é uma história sobre um ciclo da vida portuguesa, entre o 25 de Abril de 1974, ‘O dia inicial inteiro e limpo’, com o derrube do Estado Novo pelo Movimento das Forças Armadas, e o ano de 1982, com o fim do Conselho da Revolução e a primeira revisão da nova Constituição. Sobre os anos convulsos e transformativos da fundação da Democracia.

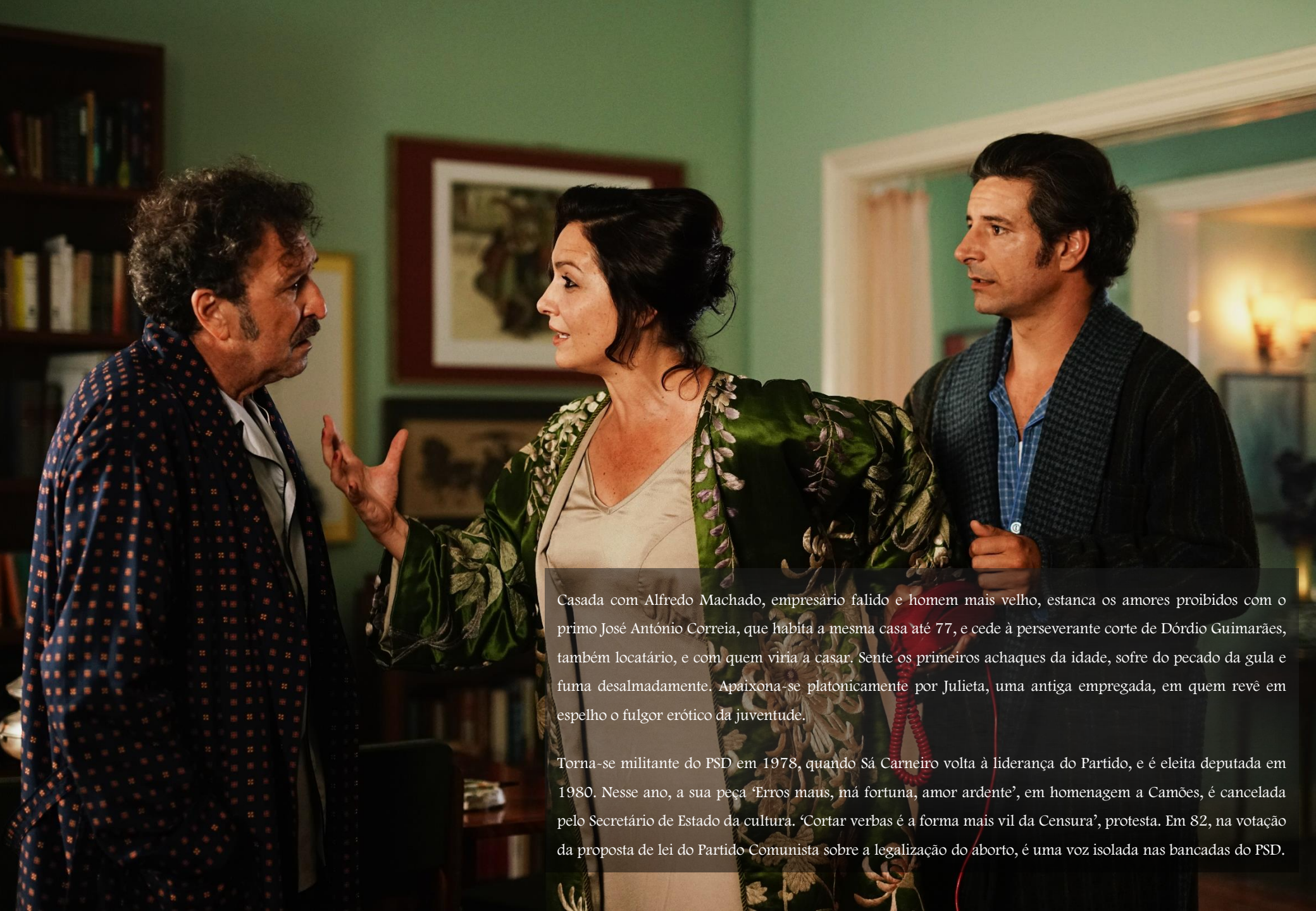
O dia 25 de Abril de 1974 pôs fim ao Estado Novo, à Polícia política, à Censura e à Guerra colonial. E trouxe uma interrogação nova: o que fazer da Revolução? Natália Correia, Snu Abecassis e Maria Armanda Falcão/Vera Lagoa viveram intensamente esse tempo de mudança e procuraram essa resposta, do Período Revolucionário em Curso até à consolidação da Democracia no início dos anos 80.

Natália Correia

(Soraia Chaves)



Em 1974, Natália Correia tem 51 anos. É uma escritora e poetisa consagrada. Exerce uma magistratura de influência no bar Botequim, lugar de tertúlia e peregrinação noturna, antes e depois do 25 de Abril. Em 75, uma das suas ‘Crónicas vagantes’ no jornal “A Capital” é obliterada pela Comissão de trabalhadores, por expressar veementemente a sua opinião acerca dos rumos da revolução. É de novo o espectro da Censura. ‘A intervenção política é uma obrigação dos poetas’, proclama. Em 76, Natália tem uma breve incursão na ação governativa, como adjunta do secretário de Estado da cultura, David Mourão Ferreira. Açoriana de nascimento, escreve o novo hino dos Açores, participa na redação do estatuto de autonomia e vê-se envolvida indiretamente na agitação do movimento separatista, que não subscreve.



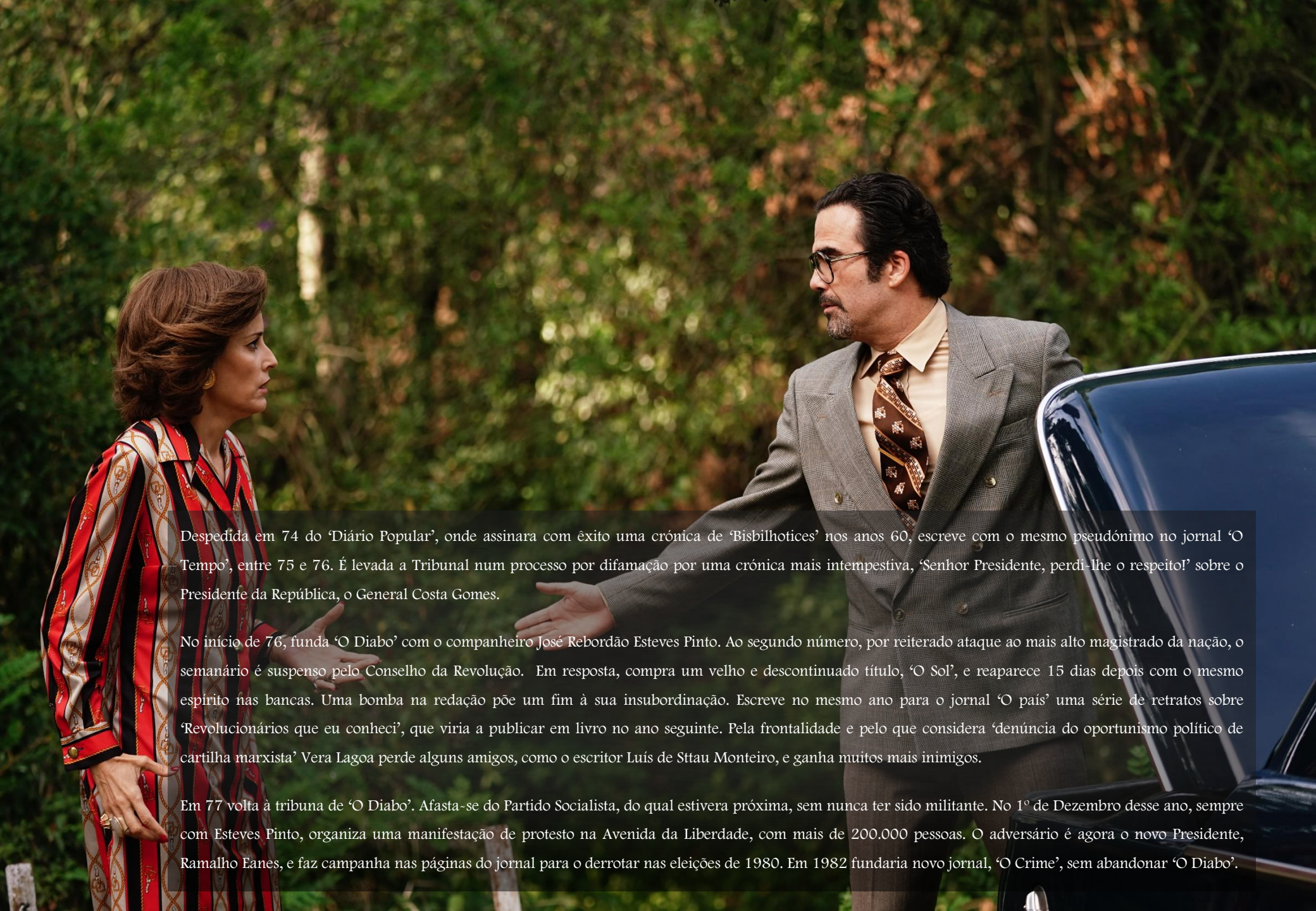
Casada com Alfredo Machado, empresário falido e homem mais velho, estanca os amores proibidos com o primo José António Correia, que habita a mesma casa até 77, e cede à perseverante corte de Dórdio Guimarães, também locatário, e com quem viria a casar. Sente os primeiros achaques da idade, sofre do pecado da gula e fuma desalmadamente. Apaixona-se platonicamente por Julieta, uma antiga empregada, em quem revê em espelho o fulgor erótico da juventude.

Torna-se militante do PSD em 1978, quando Sá Carneiro volta à liderança do Partido, e é eleita deputada em 1980. Nesse ano, a sua peça 'Erros maus, má fortuna, amor ardente', em homenagem a Camões, é cancelada pelo Secretário de Estado da cultura. 'Cortar verbas é a forma mais vil da Censura', protesta. Em 82, na votação da proposta de lei do Partido Comunista sobre a legalização do aborto, é uma voz isolada nas bancadas do PSD.

Maria Armanda Falcão/Vera Lagoa (Maria João Bastos)

Maria Armanda Falcão, amiga de Natália de longa data é de certo modo uma figura desconhecida. O que contrasta com a sua popularidade como jornalista, antes e depois do 25 de Abril, em que adotou o pseudónimo de Vera Lagoa. A criação do jornal 'O Diabo' em 76, do qual é diretora, confunde-se com uma persona mais complexa e em muitos aspetos contraditória. Em 1974, com 56 anos, por formação uma pessoa de esquerda, torna-se um dos ícones da direita mediática. É sobretudo uma mulher de causas e uma voz incómoda, para ela não há o meio termo.



A woman with short brown hair, wearing a red and white patterned dress, stands on the left, gesturing with her hands as if in conversation. A man with dark hair and glasses, wearing a grey suit and a patterned tie, stands on the right, leaning against a dark blue car. The background is a dense, green forest.

Despedida em 74 do 'Diário Popular', onde assinara com êxito uma crónica de 'Bisbilhotices' nos anos 60, escreve com o mesmo pseudónimo no jornal 'O Tempo', entre 75 e 76. É levada a Tribunal num processo por difamação por uma crónica mais intempestiva, 'Senhor Presidente, perdi-lhe o respeito!' sobre o Presidente da República, o General Costa Gomes.

No início de 76, funda 'O Diabo' com o companheiro José Rebordão Esteves Pinto. Ao segundo número, por reiterado ataque ao mais alto magistrado da nação, o semanário é suspenso pelo Conselho da Revolução. Em resposta, compra um velho e descontinuado título, 'O Sol', e reaparece 15 dias depois com o mesmo espírito nas bancas. Uma bomba na redação põe um fim à sua insubordinação. Escreve no mesmo ano para o jornal 'O país' uma série de retratos sobre 'Revolucionários que eu conheci', que viria a publicar em livro no ano seguinte. Pela frontalidade e pelo que considera 'denúncia do oportunismo político de cartilha marxista' Vera Lagoa perde alguns amigos, como o escritor Luís de Sttau Monteiro, e ganha muitos mais inimigos.

Em 77 volta à tribuna de 'O Diabo'. Afasta-se do Partido Socialista, do qual estivera próxima, sem nunca ter sido militante. No 1º de Dezembro desse ano, sempre com Esteves Pinto, organiza uma manifestação de protesto na Avenida da Liberdade, com mais de 200.000 pessoas. O adversário é agora o novo Presidente, Ramalho Eanes, e faz campanha nas páginas do jornal para o derrotar nas eleições de 1980. Em 1982 fundaria novo jornal, 'O Crime', sem abandonar 'O Diabo'.

Snu Abecassis (Victoria Guerra)

Em 1974, com 33 anos, Snu Abecassis, dinamarquesa, está à frente das Edições D. Quixote desde 1965. Casada com um português, Vasco Abecassis, com quem tem 3 filhos, abraça com entusiasmo o novo tempo em liberdade que nasce com o 25 de Abril. Nem sempre compreensiva para o sonho e o fatalismo do espírito português, entre o 'é para ontem' e o 'deixa andar', Snu acredita que tem ainda uma missão como editora e cidadã.



Em 75, antes das primeiras eleições para a Constituinte, edita livros doutrinários de Mário Soares, Francisco de Sá Carneiro e Álvaro Cunhal. Sofre, pacientemente, com os excessos ideológicos do sindicalismo, 'por solidariedade com outras empresas' uma vez que ela 'sempre foi uma patroa exemplar'. Tem de contornar, com o apoio da embaixada da Dinamarca, os entraves do processo de nacionalização da banca, que lhe congela as contas e lhe dificulta o pagamento dos salários. Vai suprimindo, através da sua fortuna pessoal, o balanço negativo da D. Quixote.

Ainda em 75, com a repetida infidelidade de Vasco, Snu pondera seriamente abandonar o país. No início de 76, por intuição e insistência da amiga Natália, encontra-se com Francisco Sá Carneiro, que Snu publicara em duas ocasiões e nunca conhecera pessoalmente. Apaixonam-se e tudo muda.

Aproximando-se as eleições de abril de 76 e tendo em conta as repercussões da revelação pública da relação, decide mantê-la em segredo. Vasco e Snu, por mútuo acordo, divorciam-se. Mas Sá Carneiro esbarra na intransigência da mulher, que lhe nega o divórcio. Snu e Sá Carneiro começam a viver juntos, sob o olhar moralista de uma sociedade conservadora e preconceituosa, que uma revolução, ou apenas uma geração, não muda. Em 1980, no auge da campanha para as presidenciais, Snu e Sá Carneiro morrem num acidente de aviação. Não é um final feliz, é uma bela história de amor.



3 MULHERES

PÓS-REVOLUÇÃO

Luís Eusébio
Sá Carneiro

Diogo Mesquita
Dórdio

Vicente Wallenstein
Mariano

Hugo Franco
Macário

Isac Graça
Ribeiro de Mello

Isabela Valadeiro
Dulce

João Jesus
Vasco Abecassis

Jorge Vaz Gomes
Ary dos Santos

Miguel Damião
Capitão Ventura Dias

Fernando Luís
Alfredo

Marco Delgado
José Esteves Pinto

Afonso Lagarto
José Manuel Tengarrinha

Luís Simões
Alferes João

Madalena Almeida
Mafalda Costa Pinto

Rafael Gomes
José António

Sílvio Vieira
Gabriel

Vera Moura
Leonor

Luciano Gomes
David Mourão Ferreira



3 MULHERES

PÓS-REVOLUÇÃO

Realização
Fernando Vendrell

Argumento
Luís Alvarães, Filipa Martins, João Matos e Diogo Figueira

Música
Pedro Marques

Direção de Fotografia
Luís Branquinho

Direção de Som
Tiago Raposinho

Montagem
Patrícia Balão Dias

Sonorização e misturas
Pedro Góis

Direção de Arte
Bruno Duarte

Figurinos
Patrícia Domingues

Coordenação de Caracterização
Magali Santana

Direção de Produção
Diana Coelho

Produção Executiva
Ana Figueira

